

ARTIGO

A relação Sujeito-Objeto em Humanidades: o impacto das Novas Tecnologias

Alessandro de Assis Pinto Aguiar¹ · Eduardo Gusmão de Quadros² · Clóvis Ecco³ · André Paulo Maurmann⁴

¹ Doutorando Alessandro de Assis Pinto Aguiar. ² Ph.D. Eduardo Gusmão de Quadros. ³ Dr. Clóvis Ecco. ⁴ Dr. André Paulo Maurmann.

*Destino monstruoso
E vazio,
Tu, roda da sorte,
És malevolente,
Bondade em vão
Que sempre leva à nada,
Obscura
E velada
Também me amaldiçoaste;
Agora - por diversão -
Trago o dorso nu
E entrego à tua perversidade.
[...]
Mantendo sempre escravizado;
Então agora
Sem demora
Tange a corda vibrante;
Porque a sorte,
Extermina o forte,
Chorais todos comigo.¹*

Resumo

O presente artigo analisa a relação sujeito-objeto no campo das Humanidades diante dos impactos produzidos pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Parte-se da compreensão de que a contemporaneidade é marcada por ambientes caracterizados pela volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, fenômeno descrito por modelos analíticos como VUCA, BANI, RUPT e TUNA. Nesse contexto, investiga-se como as plataformas digitais, os dispositivos móveis e os sistemas algorítmicos influenciam a construção da subjetividade, a circulação do conhecimento e a reorganização das relações sociais. A pesquisa dialoga com contribuições da antropologia, filosofia, sociologia, psicologia, etologia e epistemologia, articulando autores como Bauman, Foucault, Han, Proctor, Oreskes e Skinner. Destaca-se o conceito de agnotologia como ferramenta teórica para compreender a produção deliberada da ignorância em ambientes informacionais mediados por tecnologias digitais. Argumenta-se que os processos contemporâneos de comunicação não apenas ampliam o acesso à informação, mas também operam mecanismos de controle simbólico, modulação cognitiva e disputa pela verdade. Conclui-se que a compreensão do sujeito contemporâneo exige abordagens interdisciplinares capazes de analisar simultaneamente os aspectos ontológicos, epistemológicos e sociotécnicos que estruturam a experiência humana na sociedade digital.

Palavras-chave: Humanidades; Tecnologias Digitais; Agnotologia; Guerra Cognitiva; Epistemologia;

Comunicação; Subjetividade.

Abstract

This article examines the subject–object relationship within the field of the Humanities considering the transformations generated by new information and communication technologies. It assumes that contemporary society is characterized by environments marked by volatility, uncertainty, complexity, and ambiguity, as described by analytical frameworks such as VUCA, BANI, RUPT, and TUNA. Within this context, the study investigates how digital platforms, mobile devices, and algorithmic systems influence the construction of subjectivity, the circulation of knowledge, and the reorganization of social relations. The discussion draws upon contributions from anthropology, philosophy, sociology, psychology, ethology, and epistemology, engaging with authors such as Bauman, Foucault, Han, Proctor, Oreskes, and Skinner. Special attention is given to the concept of agnotology as a theoretical framework for understanding the deliberate production of ignorance in digitally mediated informational environments. The article argues that contemporary communication processes not only expand access to information but also operate as mechanisms of symbolic control, cognitive modulation, and disputes over truth. It concludes that understanding the contemporary subject requires interdisciplinary approaches capable of simultaneously addressing the ontological, epistemological, and socio-technical dimensions that shape human experience in the digital age.

Keywords: Humanities; Digital Technologies; Agnotology; Cognitive Warfare; Epistemology; Communication; Subjectivity.

Introdução

O ser humano possui quatro esferas de poder: econômica, política, científica e tecnológica. Nas dimensões biológica e histórica, tem se demonstrado um animal simbólico-belicoso. Possui ainda uma natureza moral, sendo capaz de criar e seguir regras sociais, culturais e de convivência gregária. Por fim, elabora seus códigos semióticos para exercer seus papéis políticos, emocionais e institucionais. Quando adquire a capacidade de crer, torna-se tanto um animal movido por interesses quanto por expectativas projetadas.

Nesse amplo espectro, e dentro das quatro esferas do poder, observamos os conflitos que se desenvolvem na contemporaneidade. O cenário atual pode ser compreendido como volátil, incerto, complexo e ambíguo, marcado pela liquefação daquilo que parecia sólido e permanente, mas igualmente pela necessidade de referenciais capazes de fornecer firmeza, orientação e sentido (Bauman, 2000).

As rápidas transformações sociais e tecnológicas criam uma crescente escassez de previsibilidade. A velocidade da circulação dos dados, a ampliação global do mundo vivido e os múltiplos fatores de influência dificultam os processos de interpretação e raciocínio. Tal contexto exige dos indivíduos e das organizações elevada capacidade de adaptação e resiliência, ao mesmo tempo em que contribui para o aumento dos níveis sociais de estresse e para a expansão de fenômenos como a Síndrome de Burnout (Han, 2015).

Dos planos terrestres ao aeroespacial e cibernético vive-se uma guerra, talvez muitas. A literatura contemporânea sobre operações multidomínio demonstra que os conflitos atuais se desenvolvem simultaneamente nos ambientes terrestre, marítimo, aéreo, espacial e cibernético, incorporando dimensões informacionais e cognitivas que ampliam significativamente a complexidade das disputas contemporâneas. Esse é o novo paradigma da gestão social.

Destacamos neste artigo, especialmente, a guerra cognitiva e a guerra cibernética. Ambas operam frequentemente de maneira silenciosa e quase imperceptível. A guerra cognitiva atua

sobre percepções, crenças e processos decisórios, promovendo a desinformação e influenciando a construção da realidade social. A guerra cibernética, por sua vez, busca comprometer sistemas tecnológicos, fluxos de informação e mecanismos de defesa, tornando vulneráveis indivíduos, organizações e Estados.

A nave cibernética

As Ciências Humanas podem constituir um importante instrumento de análise, denúncia e compreensão desses fenômenos. Mais do que interpretar a realidade, podem fornecer recursos teóricos para compreender os mecanismos de influência, controle e produção de sentido que atuam nas sociedades contemporâneas. As batalhas prosseguem sob o estandarte da liberdade.

O ser humano sempre procurou formas de compreender o mundo em que vive. Desde a Antiguidade, filósofos, pensadores e estudiosos buscaram explicar as causas, os significados e as consequências da experiência humana. Mais recentemente, surgiram diferentes modelos conceituais destinados a descrever um mundo cada vez mais difícil de interpretar.

Entre esses modelos destaca-se o VUCA (Volatility, Uncertainty, Complexity and Ambiguity), desenvolvido no contexto do U.S. Army War College na década de 1990. Posteriormente surgiram outros acrônimos, como o TUNA (Turbulent, Uncertain, Novel and Ambiguous), o BANI (Brittle, Anxious, Nonlinear and Incomprehensible), o DELA (Dynamic, Emergent, Liminal and Anthropocentric) e o RUPT (Rapid, Unpredictable, Paradoxical and Tangled).

Independentemente das terminologias empregadas ou das perspectivas adotadas por seus formuladores, todos esses modelos convergem para uma constatação comum: a realidade contemporânea tornou-se progressivamente mais complexa, instável e difícil de ser compreendida. A aceleração dos processos sociais, a sobrecarga informacional, a ampliação das redes de comunicação e a crescente dificuldade de validação do conhecimento produzem um ambiente no qual a compreensão da realidade exige novas ferramentas analíticas.

É nesse contexto que se insere a presente reflexão. Ao investigar a relação sujeito–objeto no campo das Humanidades, busca-se compreender como as novas tecnologias influenciam a produção do conhecimento, a formação das percepções, a organização dos saberes e a própria experiência humana em um mundo cada vez mais conectado, complexo e disputado.

Entorpecentes virtuais

A internet surgiu no Departamento de Defesa americana um sistema chamado ARPANET, de modo que atualmente com a promessa de popularização da informação, restringiu e retirou conteúdos e títulos do acesso das pessoas.

Os livros impressos cada vez mais raros. Os conteúdos virtuais com camadas e camadas de comentários. E obras clássicas de cada vez mais acesso? Onde está a História do Brasil? Onde está o Brasil no novo tabuleiro global com a Cúpula do Escudo das Américas.²

A seguir figura 1: Cúpula do escudo das Américas.



Líderes de Estado na Cúpula do Escudo das Américas

-  Argentina
-  Bolívia
-  Costa Rica
-  República Dominicana
-  Equador
-  El Salvador
-  Guiana
-  Honduras
-  Panamá
-  Paraguai
-  Trindade e Tobago

Figura 1: Cúpula do escudo das américas

Neste artigo temos nossa atenção concentrada nas plataformas utilizadas para comunicação em larga escala no Brasil. Destaque, claro, para o WhatsApp, principal meio utilizado pela população. O seu sistema delimita as variáveis independentes no caso dos teclados e símbolos, signos letras, caracteres especiais e figuras como um complexo de signos possíveis para comunicação, forcejando as variáveis dependentes ou simplesmente comportamentos verbais escritos ou falados e ouvidos em uma modernidade líquida (Bauman) e aceleração do tempo (Rosa).

A seguir exemplos dos teclados brasileiros impostos pela plataforma de comunicação supracitada.



Figura 2:



Figura 3:

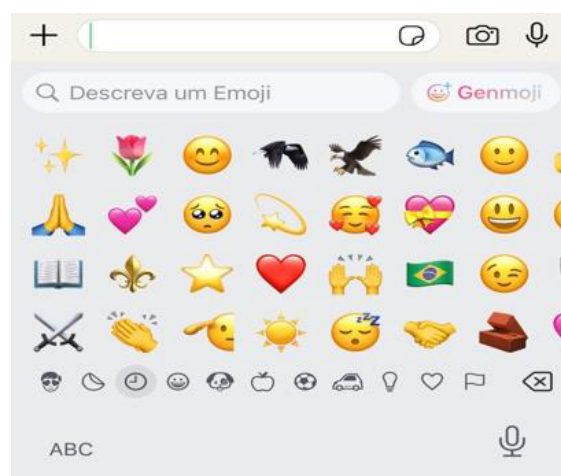


Figura 4:



Figura 5:

Durante muito tempo, a gente aprendeu que ignorância era só falta de informação. Que bastava ensinar melhor, divulgar mais, explicar com paciência. Esse raciocínio parte de uma ideia confortável: a de que todo mundo erra sem querer. Até que alguém resolveu olhar para o problema por outro ângulo e perguntar o que acontece quando a ignorância não é um acidente, mas um projeto.

Foi aí que conheci o trabalho de Robert Proctor, historiador da ciência, professor em Stanford, e o homem que deu nome a esse mecanismo desconfortável chamado agnotologia. A Agnotologia trata o estudo da produção deliberada da ignorância. Não do erro honesto. Não dá dúvida legítima. Mas da ignorância construída com método, dinheiro, estratégia e paciência histórica.

Proctor chegou a isso estudando a indústria do tabaco. E aqui vale ser bem didático. Nos anos 1950, a ciência já havia identificado com clareza a relação entre cigarro e câncer de pulmão. O consenso estava se formando. O que a indústria fez não foi negar frontalmente esses estudos. Isso seria fácil de desmontar. O que ela fez foi algo muito mais sofisticado.

Ela financiou pesquisas paralelas, pagou especialistas para relativizar conclusões, criou institutos “independentes” e passou a repetir uma frase-chave: “a ciência ainda não é conclusiva”. Não era mentira direta. Era fabricação de dúvida. O objetivo não era convencer as pessoas de que fumar fazia bem. O objetivo era fazer com que elas pensassem que ainda era cedo demais para ter certeza.

Aqui está o ponto central da agnotologia: não se trata de convencer, mas de paralisar. Se existe dúvida, não há urgência. Se há controvérsia então, não há decisão. Se tudo parece incerto, ninguém precisa agir agora.

Esse método deu tão certo que passou a ser reutilizado. Mudam os temas, mas a engrenagem é a mesma. Mudanças climáticas, por exemplo. Durante décadas, empresas financiaram campanhas não para negar o aquecimento global, mas para transformá-lo em “debate”. O planeta aquecia, os dados se acumulavam, mas a pergunta pública permanecia sempre a mesma: “Será mesmo?”

Vacinas seguiram caminho parecido. Não foi preciso provar que elas não funcionam. Bastou sugerir que talvez não fossem tão seguras assim, que talvez ainda houvesse algo escondido, que talvez fosse melhor esperar. A dúvida virou produto. A hesitação virou comportamento social.

História também entra nessa conta. Quando tudo vira “versão”, quando fatos documentados

passam a disputar espaço com opinião, quando arquivos viram narrativa opcional, a ignorância deixa de ser ausência e passa a ser política. Não é esquecimento. É uma escolha.

A agnotologia não nasceu na filosofia, mas dialoga diretamente com ideias que muita gente já sentiu na pele sem saber nomear. Michel Foucault já havia mostrado como saber e poder caminham juntos, como certos discursos ganham status de verdade enquanto outros são empurrados para a margem. Proctor mostra o outro lado da moeda: não apenas o que é dito, mas o que é sistematicamente impedido de ser sabido.

Décadas depois, pesquisadores deixaram isso ainda mais explícito ao analisar como a dúvida científica foi usada como arma política no debate climático. Não se vence a verdade com mentira escancarada. Vence-se desgastando-a, cercando-a de ruído, colocando-a no mesmo nível de qualquer palpite. Quando tudo vira opinião, a verdade deixa de ter urgência.

Esse mecanismo fica ainda mais eficiente quando encontra um terreno fértil chamada dissonância cognitiva. Um conceito da psicologia formulado por Leon Festinger, que explica algo simples e profundamente humano. A gente não gosta de informações que nos obrigam a rever quem somos, no que acreditamos ou ao grupo ao qual pertencemos. Quando uma informação ameaça nossa identidade, o cérebro não reage buscando verdade. Ele reage buscando alívio.

E a dúvida fabricada oferece exatamente isso. Ela não exige mudança. Não cobra revisão. Não pede desconforto. Ela apenas sussurra: “calma, talvez não seja bem assim”. A agnotologia não precisa criar essa tensão. Ela só precisa explorá-la.

As redes sociais transformaram esse processo em escala industrial. Algoritmos aprenderam a entregar conforto cognitivo com precisão assustadora. Se você acredita em algo, sempre haverá um conteúdo dizendo que você tem razão em duvidar do resto. Nesse ambiente, a ignorância não precisa ser imposta. Ela passa a ser escolhida.

Entender esse mecanismo é uma forma de defesa. Não contra pessoas, não contra ideias específicas, mas contraestruturas invisíveis que moldam o debate público. A melhor forma de se prevenir é entender o mecanismo. A agnotologia não te transforma automaticamente em alguém mais informado ou mais inteligente, transforma em alguém mais atento. E atenção, hoje, é um ato quase subversivo.

Talvez você nunca tenha ouvido essa palavra antes. Ela não costuma circular fora da academia justamente porque nomear o problema é o primeiro passo para desmontá-lo. Mas o efeito dela está por toda parte. Nos debates que nunca avançam. Nas discussões que se repetem em círculos. Na sensação constante de que algo está errado, mas nunca errado o suficiente para exigir mudança imediata.

Quando identidade vira trincheira, qualquer dúvida que proteja essa identidade parece virtude. É assim que a guerra cultural se alimenta. Não pela força da verdade, mas pelo conforto da hesitação. Em certos momentos da história, não é a mentira que vence. É a dúvida bem administrada.

Explicar um conceito pouco conhecido é rugir contra aqueles que preferem difundir as certezas rasas. O mundo carece cada vez mais de concentração, de profundidade, de tempo para pensar, enquanto as informações crescem exponencialmente.

Observam-se mudanças significativas nas estruturas das frases e nos processos comunicacionais contemporâneos, especialmente pela crescente inserção de símbolos, figuras,

ícones e recursos visuais mediados pelas plataformas digitais. Paralelamente, verifica-se a universalização desses elementos simbólicos em comunidades verbais locais e especializadas, alterando formas tradicionais de comunicação e interação social (Skinner, 1957).

Sob a perspectiva da semiótica, a incorporação desses novos signos produz impactos diretos sobre o *ethos* social, influenciando hábitos, valores, percepções e formas de construção de sentido. Tais transformações alcançam o próprio *antropos*, compreendido como sujeito cultural e histórico, especialmente em um contexto marcado pela ampla difusão das tecnologias da informação e da comunicação. Nesse cenário, a experiência cotidiana passa a ser mediada por sistemas cibernéticos que influenciam tanto as práticas populares quanto os processos decisórios das elites políticas, econômicas e culturais em níveis microrregionais, nacionais e globais.

No campo dos estudos estratégicos, o conceito de centro de gravidade refere-se ao elemento que sustenta a coesão e a estabilidade de uma estrutura. Analogamente, o ser humano permanece como o centro de gravidade das transformações tecnológicas, sociais e culturais, uma vez que perpassa todas as dimensões anteriormente mencionadas. Assim, *mutatis mutandis*, embora os meios, linguagens e tecnologias se transformem, permanece a necessidade de compreender como tais mudanças afetam a produção de conhecimento, a organização da cultura e a própria condição humana.

Ao analisar o cenário contemporâneo sob a perspectiva dos acrônimos analíticos, identificam-se os modelos VUCA, BANI, RUPT e TUNA como estruturas interpretativas da realidade sociopolítica e epistemológica atual. O modelo VUCA (Volatility, Uncertainty, Complexity, Ambiguity) foi posteriormente sucedido por abordagens como o BANI (Brittle, Anxious, Nonlinear, Incomprehensible), conceito desenvolvido por Jamais Cascio para descrever o contexto pós-pandêmico.

Na mesma linha evolutiva, o acrônimo RUPT (Rapid, Unpredictable, Paradoxical, Tangled) enfatiza a aceleração das mudanças disruptivas, a presença de paradoxos estruturais e a complexidade das interconexões sistêmicas, exigindo modelos de liderança altamente adaptativos. Paralelamente, o modelo TUNA (Turbulent, Uncertain, Novel, Ambiguous) reforça a permanência de variáveis como instabilidade, imprevisibilidade e inovação contínua.

Apesar das variações terminológicas, tais modelos convergem na identificação de elementos estruturantes comuns: (i) aceleração da circulação da informação; (ii) dificuldade de validação da verdade; (iii) sobrecarga informacional; e (iv) aumento da imprevisibilidade sistêmica. Nesse sentido, observa-se mais uma mutação semântica do que propriamente uma ruptura conceitual.

Para melhor compreender como esses modelos se encaixam no estudo da agnotologia, podemos considerar esta como sendo uma espécie de catalisador para os demais. A incerteza citada nos modelos VUCA e TUNA e a incompreensão do modelo BANI podem ser facilmente explicadas pela atuação ativa ou passiva de corporações e, por que não, governos, “plantando” questionamentos sobre todos os assuntos por meio de estudos contraditórios, gerando ambientes ambíguos (VUCA e TUNA) que acabam por prejudicar a análise de cenários levando a dificuldades para a tomada de decisão.

Da mesma forma, podemos utilizar a agnotologia para explicar tanto a ansiedade (BANI) quanto o mundo paradoxal (RUPT). A criação de crescentes dúvidas sobre aspectos da vida que tínhamos convicção (vide exemplo da vacina citado anteriormente) gera indivíduos confusos e

extremamente ansiosos para melhor compreender ou buscar mais informações sobre os assuntos.

Quanto ao termo paradoxal, a sociedade em rede alterou a arquitetura anterior, reduzindo a importância de governos e fronteiras e incrementou o poder da informação e a capacidade de fazê-la circular (Manuel Castells). Essa alteração, impulsionada pela globalização, criou um emaranhado de informações (RUPT) tão complexo que é impossível distinguir verdade, mentira e ruído. O ser humano hoje tem acesso a uma infinidade de informações, muito superior aos nossos antepassados. A ilogicidade existente nisso é que, mesmo com tanto acesso à informação, ela é tão extensa e ambígua que nos leva a uma maior ignorância.

Podemos prosseguir nessa discussão adicionando pós-verdade, desordens da informação e personalização (Eli Pariser). Esses conceitos corroboram bastante mostrando como bolhas de filtro e vieses cognitivos acabam contribuindo para um aumento ainda maior da agnotologia pois buscar o contraponto é cansativo e “prejudica a imagem que a pessoa quer vender de si mesma”

A estrutura celular

Hoje não se vive mais sem esse pequeno aparelho que nos acompanha a todo lugar. Ou nós que acompanhamos ele? Em outros lugares, é chamado de *Móvil* (em Portugal), *mobile* (em países de língua espanhola), *le portable* (em países de língua francesa). Esse nosso “acompanhante”, na verdade, é que nos transporta e permite acessar infinitos lugares.

No caso do Brasil, entretanto, preferiu-se ficar com a tradução da língua inglesa: *cellular phone*. Nomes não são inocentes ou escolhidos ao acaso. Ora, as células são as unidades básicas dos seres vivos. E o que um modo de comunicação tem a ver com isso? Essa questão nos leva a desconfiar do papel infraestrutural das dinâmicas comunicativas da vida hodierna. Além disso, vê-se uma vontade de imbuir no núcleo do pensamento humano esse pequeno organismo de chips.

A difusão mundial do *móvel* foi extremamente rápida. O Brasil, por exemplo, quem nem é tão rico, existem mais aparelhos de celular do que pessoas³. Na Argentina, para ficar em outro país latino-americano, também o número de aparelhos era maior do que a população, atingindo-se a proporção de 1,4 em 2025, quando o presidente Milei zerou a taxa de importação dos celulares⁴. Olhar para esses números é deixar mais evidente que os pequenos aparelhos se tornaram as moléculas do tecido social, um elemento da difusão rizomática de informações e afetos, alertando-se que as multifunções incorporadas fazem da tela do móvel um lugar amplo de diversão, não apenas de conversa.

Não devemos pensar somente em novos princípios de sociabilidade, de interação com os demais. O consumo de imagens altera significativamente a autopercepção. Há dificuldade de relacionamentos mais estáveis, perenes ou aprofundados é diretamente proporcional à dificuldade de estar só. E o sentimento de solidão parece crescer em progressão geométrica.

Por isso é cada vez mais necessário relacionar a expansão das doenças mentais e psicossomáticas com o aumento de uso dos celulares. Mark Fisher (2020) tem insistido nisso: o sentimento chave e problemático do capitalismo contemporâneo é a ansiedade. Aprofundando a intuição, ele argumenta que com a disponibilidade sedutora de viajar pelo cyberspaço o cérebro não pode mais ficar em repouso e “o aumento dos casos de depressão e ansiedade são um efeito da tendência bem-sucedida do neoliberalismo em privatizar o estresse” (2020, p.135).

Estresse é uma situação de estímulo exagerado, de desgaste emocional, de tensão com o ambiente. Ou seja, o uso intenso das telas acarreta uma adaptação do sistema ótico e motor. A ideal é ampliar a percepção de detalhes ao mesmo tempo que se diminui os estímulos mecânicos provocados. Por conseguinte, paralisar tanto o pensamento quanto a ação refletida é o rumo da construção subjetiva projetada pelos gestores do sistema.

Estudos mostram graves consequências comportamentais e neuronais, o que inclui os inúmeros casos de abstinência e depressão - comparáveis aos efeitos químicos das drogas - pela impossibilidade de utilizar o pequeno aparelho. A estudiosa Sadie Plant destaca o crescente desinteresse por outras formas de comunicação, a dificuldade de manter uma conversa sobre determinado assunto, problemas acarretados pela desatenção geral ao meio circundante, a diminuição do tempo de concentração possível e a frustração com a impossibilidade de cancelamento de pessoas ou eventos reais (2001, p.18). Além disso, a tela nos traz novas demandas fisiológicas relacionadas aos movimentos limitados dos dedos e mãos, bem como a rapidez do movimento dos olhos sobre um espaço minúsculo (2001, p.26). Ressaltamos que esse estudo foi financiado pela empresa Motorola.

Assim, o telefone celular atinge níveis molares, pela capacidade de concentração de vidas, e níveis moleculares, pela sua capacidade de interferência psicossomática. A força física torna-se cada vez mais desnecessária, restringindo-se aos aspectos da exposição estética, de modo paralelo, a força mental é reduzida ao zero e um da linguagem informática. O acesso à realidade parece demasiado simples, reduzido aos fáclimos cliques na tela.

Mas como unificar os fragmentos que passam tão velozmente diante do olhar? Por meio de narrativas ou ideias desconexas, onde o próprio desejo de conhecer a verdade perde o valor. Isso já foi demonstrado pelo conceito de pós-verdade⁵, ainda que o termo *fake news* – por que circula na mídia nacional em inglês? - continue com sentido pejorativo. Em relação proporcionalmente inversa, quanto mais cresce as fontes de informação e de opiniões acessíveis, mais diminui a potencialidade analítica. Ficaremos aprisionados em tão pequena cela?

A desontologização sistêmica

O problema central reside na compreensão do sujeito por si mesmo na relação sujeito–objeto no campo das humanidades, especialmente em um contexto de paz relativa, no qual coexistem dinâmicas simultâneas de estabilidade e conflito. Tal problemática envolve diretamente três dimensões fundamentais:

- A ontologia do ser humano;
- A antropologia filosófica;
- A episteme aplicada às novas configurações do saber.

A reorganização contemporânea dos campos do conhecimento evidencia uma nova compartimentalização dos saberes, acompanhada de alterações na propedêutica do ensino, influenciadas por estruturas institucionais e normativas, como aquelas estabelecidas pelo Estado por meio de dispositivos legais (e.g., diretrizes e bases da educação), bem como por agentes econômicos globais e plataformas tecnológicas.

A justificativa fundamenta-se na observação do esvaziamento progressivo do saber, mediado

por instituições de controle tradicionais e emergentes, incluindo mídias digitais e plataformas tecnológicas. Tais estruturas não apenas difundem informação, mas também delimitam o escopo da linguagem e, conseqüentemente, influenciam a cultura em suas dimensões local, regional e global.

Sob a perspectiva do princípio *mutatis mutandis*, reconhece-se que a linguagem é um sistema dinâmico e vivo, sujeito a transformações contínuas decorrentes de variáveis tecnológicas, sociais e culturais. Nessa perspectiva crítica, observa-se, à luz de Michel Foucault (1977), a presença de mecanismos de controle e produção de saber que estruturam as formas de conhecimento e sua legitimação.

Diante da fascinação tecnológica, os novos dispositivos de saber e controle inovam nas formas de desumanização. Por isso, a encíclica papal atenta para “o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade” (Leao XIV, 2026, p.11). Por detrás da vida digital, há sempre pessoas de carne e osso agindo. Portanto, o paradigma teológico da encarnação desafia a sistêmica desontologização dos seres humanos promovido pelas plataformas virtuais.

Não se deve esquecer que os interesses privados, de mercado e de lucro têm gerado a grande difusão tecnológica recente. Portanto, o controle do capital e dos comportamentos caminham de mãos dadas. Leao XIV é correto em sua denúncia de um poder desta magnitude, concentrado na mão de poucos, que “tende a tornar-se opaco e a fugir ao controle público, aumentando o risco dum desenvolvimento distorcido que gera novas dependências, exclusões, manipulações e desigualdades.” (2026, p.27).

O pós-humanismo e os novos saberes

Parte-se da premissa de que o ser humano deve ser compreendido como um animal integral, linguístico-simbólico, emocionalmente ativo, e não meramente como um ser racional, conforme a antiga tradição aristotélica. A linguagem, nesse contexto, constitui o principal mediador da experiência humana, sendo responsável pela construção, transmissão e transformação da cultura.

Evidências empíricas no campo da etologia demonstram que diversos animais apresentam formas de comunicação e aprendizagem social, como:

- O uso de ferramentas por primatas (e.g., quebra de cocos por macacos-prego);
- Estratégias de alimentação em gorilas;
- Técnicas cooperativas de caça em golfinhos.

Entretanto, destaca-se como diferencial humano a capacidade de produção simbólica complexa, incluindo o humor, a abstração e a transmissão cumulativa de conhecimento cultural. Isso se consolidou em tecnologias reprodutivas, atingindo do nível sexual até as sociedades complexas.

A análise histórica indica que a paz constitui uma condição excepcional, sendo o conflito uma constante na trajetória humana. Nesse sentido, propõe-se a substituição da noção de “tempo de paz”, uma ficção imaginativa, por “tempo de violência relativa”. Essa ampliação evidencia a

complexificação dos conflitos contemporâneos, que transcendem o campo físico e adentram esferas simbólicas e informacionais.

Afinal, do ponto de vista metodológico, reconhece-se a importância do modelo científico positivista na organização do conhecimento, partindo do simples para o complexo e buscando a sistematização dos fenômenos por meio da observação, classificação e estabelecimento de regularidades (Comte, 1978). Contudo, tal abordagem deve ser integrada a perspectivas críticas oriundas das humanidades, uma vez que a produção do conhecimento não ocorre em contextos neutros, mas está inserida em relações históricas, culturais e institucionais de poder (Foucault, 1969).

A estruturação do conhecimento pode ser compreendida a partir de modelos clássicos como o *trivium* e o *quadrivium*, que constituíam as bases propedêuticas da formação intelectual durante a Idade Média. Essas estruturas educacionais buscavam oferecer uma preparação gradual para níveis mais complexos de investigação filosófica, teológica e científica (Le Goff, 1995). A propedêutica, nesse sentido, refere-se ao conjunto de saberes introdutórios necessários para a compreensão de níveis mais avançados de conhecimento.

Autores como John Amos Comenius contribuíram significativamente para a sistematização pedagógica do ensino, enfatizando a progressão estruturada do aprendizado e defendendo que o processo educativo deveria respeitar a ordem natural do desenvolvimento humano, avançando gradualmente do simples para o complexo (Comenius, 1986). Sua proposta influenciou profundamente a organização moderna dos sistemas educacionais e das práticas pedagógicas contemporâneas.

Entretanto, a crescente especialização científica e a compartimentalização dos campos do saber suscitam questionamentos acerca da fragmentação do conhecimento. Nesse contexto, autores como Edgar Morin (2005) argumentam pela necessidade de uma abordagem complexa e interdisciplinar, capaz de superar a excessiva separação entre disciplinas e promover uma compreensão mais integrada da realidade.

Diante desse contexto, emergem as seguintes questões centrais:

1. Qual é a ontologia do ser humano no contexto contemporâneo das humanidades?
2. Qual episteme é adequada para compreender as novas configurações do saber?
3. Como a compartimentalização do conhecimento, mediada por estruturas institucionais, econômicas e tecnológicas, impacta a produção, a legitimação e a transmissão do saber?

O pós-humanismo do século XXI requer a superação das fronteiras. O impacto do *antropoceno*⁶ deve nos levar a problematizar, e com urgência, tanto as intervenções no meio ambiente quanto nas políticas sociais. Por pós-humanismo compreendemos, aqui, essas novas interações entre as tecnologias e a natureza humana. As fronteiras estão se diluindo, para o bem ou para o mal. Contudo, é preciso estar alerta para romper com a suposta neutralidade dos meios

tecnológicos.

A inteligência artificial, por exemplo, jamais substituirá, por princípio de lógica, a inteligência natural que a gerou. Mas nesse momento de empolgação hipnótica, muitos parecem querer entregar a segunda à primeira. Pior que isso, ela tem sido usada para enganar, para destruir, para exterminar, como nas guerras recentes ao redor do globo. Esta ausência de ética em sua utilização demonstra a vitória da ignorância, como escreve Gary Hall (20025), nas tentativas de assegurar a soberania em um mundo pós-hobbesiano.

É possível humanizar o progresso tecnológico? Superar a lógica a acumulação de poder e de capital? Por que não? Basta reconhecer, lembra a encíclica papal, que “as ditas inteligências artificiais não vivem uma experiência, não possuem um corpo, não passam pela alegria e pela dor, não amadurecem nas relações, não conhecem internamente o que significa amor, trabalho, amizade, responsabilidade” (2026, p.28). Assume-se que a consciência moral de seu uso está na mão de humanos que precisam pesar as consequências de seus projetos e planejamentos empresariais.

Considerações finais

O princípio do *Homo homini lupus*, cunhada pelo comediógrafo Plauto (254-184 a.C.) e popularizada pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), voltou a ser a epígrafe do mundo novo que vivemos. Antes, a sociedade foi vista um estado de "guerra de todos contra todos", onde o ser humano era capaz de grandes barbaridades contra a sua própria natureza. Hoje, os meios coercitivos são cada vez mais eficazes. Antes, o poder da espada e o temor de Deus eram os fatores predominantes, hoje tudo parece banal, desimportante, até a própria vida. O medo, sentimento fundamental para a criação da política, não foi substituído pela esperança, mas pela plasmática indiferença.

Outrossim, analogamente a flauta de Hamelin, que encantava os ratos, hoje é utilizada a plataforma do iphone 17. Portanto, temos o VUCA (Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo) cunhado no US Army College ainda na década de 1990, seguido pelo TUNA (Turbulento, incerto, novo e Ambíguo), o BANI (Frágil, Ansioso, Não Linear e Incompreensível), o DELA (Dinâmico, Emergente, Liminar e Antropocêntrico) e o RUPT (Rápido, Imprevisível, Paradoxal e Tenso) para nos guiar. Independentemente das palavras usadas e do propósito de cada programa elaborado, pode-se perceber facilmente que a sedução é traduzida cotidianamente enquanto liberdade.

Nesse contexto, a mentira pode ser compreendida como uma forma intencional de manipulação da informação. Conforme Aldert Vrij, na obra *Detecting Lies and Deceit: Pitfalls and Opportunities*, a mentira consiste em qualquer controle deliberado da informação com o propósito de induzir o interlocutor a uma compreensão falseada da mensagem. Em outras palavras, mentir não é apenas afirmar algo falso, mas também omitir, distorcer ou manipular informações de modo a produzir uma percepção equivocada da realidade. O oposto da mentira seria a verdade, infelizmente não é tão simples. A verdade é construída de uma forma diferente. Ela é “formada” no indivíduo, a pessoa cria em sua mente a imagem possível.

A desigualdade leva a outras verdades, das outras pessoas, de forma sutil ou diametralmente oposta. O mundo é feito de mensagens; elas não são apenas um meio de comunicação. Direccionam, geram condutas, formam os valores sociais, como sugeria Peirce ao unir semiótica e

pragmatismo (Assis e Quadros, 2024).

A presente reflexão propõe uma abordagem integrada das humanidades, reconhecendo a complexidade do sujeito em um mundo caracterizado por instabilidade, transformação contínua e múltiplas camadas de conflito. A compreensão do sujeito– objeto, nesse cenário, exige não apenas rigor metodológico, mas também abertura epistemológica e transdisciplinaridade. Os tempos acelerados exigem a perspectiva multidisciplinar que abranja o antropoceno em seu núcleo.

Aqui podemos ainda aprofundar a questão dos vieses cognitivos que podem contribuir para elucidar as questões propostas. Vieses vão desde coisas simples como otimismo ou pessimismo até vieses mais “complicados” como o da confirmação (quando alguém só acredita naquilo que vai ao encontro do que já tem como sendo verdadeiro. Ainda mais, os modos de ancoragem dos sentidos precisam das Humanidades para serem decifrados.

Referências

- ASSIS, Alessandro e Quadros, Eduardo. Sociabilidades goianienses. 3ª ed. São Paulo: Editora Dialética 2024.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- CASCIO, Jamais. *Facing the age of chaos*. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com>. Acesso em: 29 mar. 2026.
- COMENIUS, João Amós. *Didática magna*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FESTINGER, Leon. *A theory of cognitive dissonance*. Stanford: Stanford University Press, 1957.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- HALL, Gary. *Masked media: what it means to be Human in the age of artificial culture*. London: Open Humanities Press, 2025.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEÃO XIV. *Carta encíclica Magnifica Humanitas*. Roma: Vaticano, 2026. (disponível em www.vatican.va/content/leo-xiv/pt).
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M. *Merchants of doubt: how a handful of scientists obscured the truth on issues from tobacco smoke to global warming*. New York: Bloomsbury Press, 2010.
- PLANT, Sadie. *On the Mobile: the effects of mobile technologies on social and individual life*. Motorola: Chicago 2001.
- PLAUTO. *Asinaria*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- PROCTOR, Robert N. *Agnotology: the making and unmaking of ignorance*. Stanford: Stanford University Press, 2008.
- ROSA, Hartmut. *Social acceleration: a new theory of modernity*. New York: Columbia University Press,

2013.

VRIJ, Aldert. *Detecting Lies and Deceit: Pitfalls and Opportunities* (2nd ed.). Chichester, UK: John Wiley & Sons, 2008.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS. *Venus and Mars (Botticelli)*. In: WIKIPEDIA, The Free Encyclopedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Venus_and_Mars_\(Botticelli\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Venus_and_Mars_(Botticelli)). Acesso em: 29 mar. 2026.

Notas

1 O fortuna, Velut luna Statu variabilis, Semper crescis Aut decrescis; Vita detestabilis Nunc obdurat Et tunc curat Ludo mentis aciem, Egestatem, Potestatem Dissolvit ut glaciem. Sors immanis Et inanis, Rota tu volubilis Status malus, Vana salus Semper dissolubilis, Obumbrata Et velata Michi quoque niteris, Nunc per ludum Dorsum nudum Fero tui sceleris. Sors salutis, Et virtutis Michi nunc contraria, Est affectus Et defectus Semper in angaria; Hac in hora Sine mora Corde pulsum tangite, Quod per sortem Sternit fortem Mecum omnes plangite.

2 <https://share.google/8ISBtAN0yi8VEDKXv>

3 Estudo da Fundação Getúlio Vargas revelou em junho de 2025 que o Brasil possuía 1,3 aparelhos por pessoa, somando 272 milhões de celulares (<https://portal.fgv.br/noticias/brasil-tem-mais-dispositivos-digitaes-em-uso-do-que-habitantes-revela-pesquisa-da-fgv>, consultada em 23.05.2026).

4 <https://magmatranslation.com/stats/pt/estatisticas-telefonica-movel-argentina>.

5 A palavra foi eleita pelo dicionário de Oxford, em 2016 como o termo mais importante dicionarizado naquele ano. A Academia Brasileira de Letras definiu-a como: “Informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais.” e Contexto em que asserções, informações ou notícias verossímeis, caracterizadas pelo forte apelo à emoção, e baseadas em crenças pessoais, ganham destaque, sobretudo social e político, como se fossem fatos comprovados ou a verdade objetiva.” (<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra-pos-verdade>). Se vê, que o caráter das definições ainda separa elementos cada vez mais indistintos.

6 Trata-se da nova era geológica, em curso atualmente, onde o principal fator de transformações é a ação humana. A responsabilidade pelas consequências nefastas no clima e nos ecossistemas passa, portanto, é ser das decisões políticas.